



FLUTUANTES.
Bolsas de diversos
materiais penduradas
numa das salas da
exposição 'Origem vegetal'

BRASIL EM CENA

Três casarões históricos da Praça Tiradentes são restaurados para abrigar centro de artesanato

POR **CAROLINA RIBEIRO**
carolina.ribeiro@oglobo.com.br
FOTOS **ANA BRANCO**

Um tronco de madeira é o começo de tudo. A matéria-prima vegetal, agora descascada, dá origem a um barquinho cru, de 20 centímetros. Este se multiplica, ganha cores e soma 80 modelos em versões cada vez menores. O último é uma miniatura, com um centímetro. A sequência de peças ocupa a primeira vitrine da exposição "Origem vegetal", que acompanha a abertura do Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (Crab). Inaugurado na última terça-feira, o espaço debruçado sobre a Praça Tiradentes "invadiu" três casarões históricos e tombados que passaram por dois anos de *retrofit*, um deles o Solar do Visconde do Rio Seco.

O curso da exposição com curadoria de Jair de Souza e Adélia Borges, que contempla objetos de artesanato dos 27 estados brasileiros, leva a uma sala com bolsas flutuantes penduradas por fios de náilon e cestos de palha, alguns deles indígenas. Nas demais, encontra-se uma manada de animais realistas e folclóricos dispostos sobre uma estrutura sinuosa de madeira. Em outra, peças de decoração como luminárias e cômodas misturam-se a bijuterias feitas com sementes e sandálias de látex. Num quarto espaço, uma seleção avaliada pelos curadores

como obras de arte de maior peso.

— Temos a maior biodiversidade do planeta, e é uma surpresa a quantidade de matérias-primas com as quais são feitas as peças de artesanato brasileiro. No nosso recorte, são mais de cem, todas vegetais — observa Jair, vendendo o peixe da exposição. — Quando você adquire uma peça de artesanato, ganha também uma história.

Para ilustrar tamanha biodiversidade, o curador se juntou à artista plástica Monica Carvalho e criou um "labirinto-instalação". São colares de espécies como ipê, urucum, jequitibá, bambu e açaí que caem do teto. Arnaldo Antunes declama palavras criando um ambiente sonoro e poético.

— Chamo de chuva vegetal. O visitante pode ver o estado bruto do material, tocar, sentir o cheiro. É importante para entender o processo de produção artesanal — destaca Jair.

Terminada a mostra, uma larga escada de madeira, que estava em escombros e foi recuperada, carrega o visitante ao térreo para uma loja em que os itens da exposição estão à venda. Uma tentação. No mesmo andar, quatro pisos de ladrilho hidráulico foram restaurados a partir de réplicas dos originais. Ainda neste ambiente, há duas estátuas de terracota, do século XIX, que enfeitavam o topo do casarão.



O Crab ocupa os números 67, 68 e 71 da Praça Tiradentes. Suspensas sobre a fachada coral do edifício — onde morou o barão Visconde do Rio Seco até 1836, que foi sede ainda do Clube Fluminense até 1860, e já abrigou também uma unidade do Detran — permanecem quatro estátuas de 2,10m de altura. Duas são originais restauradas e as outras réplicas das que estão do lado de dentro. Além das setes salas expositivas e da loja, o espaço de mais de três mil metros quadrados abriga um restaurante, uma midiateca, um terraço, um auditório e salas para cursos.

— O lugar se sustenta em três pilares: o reposicionamento do artesanato brasileiro em termos de mercado, o espaço para discussão e a exposição sobre o fazer artesanal e a comercialização associada à logística. Nosso espaço físico foi adequado para contemplar estes segmentos — resume Cezar Vasquez, superintendente do Sebrae no Rio.

A começar pela escadaria de entrada, com estrutura metálica, fica evidente que o casarão com paredes descascadas, de pedras, mescla os estilos clássico e contemporâneo. A reforma e o projeto de interiores são assinados pela dupla Lucas Franco e Camilla Furloni, do M&T Mayerhofer & Toledo Arquitetura.

— O arquiteto que trabalha com restauro tem que pedir licença quando assume uma obra de um imóvel histórico. Há uma arquitetura a ser reconhecida e respeitada — pondera Lucas. — Particularmente, gosto de explorar o contraste e equilibrar o moderno e o antigo. Fica bem marcado o que é velho e o que é novo.

O moderno está representado na cozinha industrial, nas mesas e nas banquetas de Fernando Jaeger dispostas no restaurante, que tem ainda luminárias de cordas do designer Eurico Humano instaladas no teto. Tudo isto no térreo. No segundo andar, é como se a midiateca estivesse dentro da Praça Tiradentes, pois suas janelas são todas de vidro. No chão, futtons criam um ambiente despojado.

— Privilegiamos a luz natural nos espaços de convivência — diz Lucas. ■



COISA NOSSA.

A esquerda, instalação com cordões de ipê, urucum, jequitibá e açai; acima e ao lado, peças de artesanato em cerâmica, coco, madeira e palha

